

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

JANIS SALGADO FERNANDES

NO INTERIOR DAS RELAÇÕES CONJUGAIS: A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DO CASAL

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Prof. Dra. Marcella Beraldo de Oliveira

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **JANIS SALGADO FERNANDES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572103A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **NO INTERIOR DAS RELAÇÕES CONJUGAIS: A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DO CASAL**, desenvolvido durante o período de 10 de agosto a 25 de novembro sob a orientação de MARCELLA BERALDO DE OLIVEIRA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

JANIS SALGADO FERNANDES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

NO INTERIOR DAS RELAÇÕES CONJUGAIS: A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DO CASAL

Janis Salgado Fernandes¹

RESUMO

O presente trabalho aborda como tema as relações conjugais contemporâneas no campo da antropologia. O objetivo desta pesquisa é compreender a maneira como dois casais, um homossexual e outro heterossexual, constroem suas relações conjugais. Para realizar esse estudo, utilizei uma metodologia qualitativa com inspiração etnográfica por meio de entrevistas com esses casais e vivência de alguns encontros, além disso realizei uma análise bibliográfica produzida a respeito desse tema. A importância de nos debruçarmos sobre essas questões nos leva a pensar quais são os limites que colocamos para as relações conjugais na contemporaneidade, de que forma a pensamos e construímos, quais são as maneiras de conceber o realizável, de estar em relação ao outro. Nessa pesquisa busquei demonstrar que o campo das relações conjugais se transformam constantemente, e os limites que colocamos, a maneira como a olhamos é algo socialmente construído, e não algo natural e dado.

PALAVRAS CHAVE

Relações conjugais, casamento, gênero, família, parentesco.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda como tema as relações conjugais contemporâneas no campo da antropologia. O objetivo desta pesquisa é compreender a maneira como dois casais, um homossexual e outro heterossexual, constroem suas relações conjugais. Para realizar esse estudo, utilizei uma metodologia qualitativa com inspiração etnográfica por meio de entrevistas com esses casais e vivência de alguns encontros, além disso realizei uma análise bibliográfica produzida a respeito desse tema.

Num primeiro momento deste trabalho, abordarei a temática de gênero e sexualidade, usando como referência as autoras Joan Scott e Judith Butler. Em seguida, dou início a discussão com Mariza Corrêa e Claudia Fonseca sobre os estudos de família, logo depois com Judith Butler falo a respeito de parentesco e finalizo o tópico dizendo a respeito de conjugalidade, utilizando como referência o texto de Maria Luiza Heilborn. Caminhando para as considerações finais, descrevo sobre o meu trabalho empírico e, finalmente, penso a relação entre o trabalho de campo com a bibliografia e os pontos mais relevantes do trabalho.

2. GÊNERO E SEXUALIDADE

2.1. Uma pincelada sobre “gênero” e “sexualidade”:

O termo “gênero” surgiu através dos desdobramentos dos estudos feministas no interior das academias, onde mulheres buscavam legitimidade em suas pesquisas, pesquisas que questionavam suas posições e denunciavam as situações de opressão e desigualdade que sofriam em relação aos homens. Através desse campo designado como “Estudos de gênero”, o feminismo se desdobrou e se articulou em feminismos, o sujeito “feminino” pensado no interior dos estudos e movimentos feministas também foi questionado, abrindo espaço para se pensar sobre os sujeitos, suas relações, identidades e lugares ocupados dentro da sociedade.

O gênero como categoria de análise, se constituiu como uma forma de reivindicar um campo em que esteja preocupado em compreender como se constituem os papéis sociais, como e através de que são reforçados, como se constituem as relações de poder, assim como a própria sexualidade, a política e economia, ou seja, o gênero como campo de análise e interpretação da organização social. (SCOTT 1989). De acordo com a autora com Scott:

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: janis_mg@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Marcella Beraldo de Oliveira.

“O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (SCOTT, 1989, p. 22)

Os estudos acadêmicos produzidos nas Ciências Sociais e especificamente na antropologia concentraram seus esforços na dicotomia natureza/cultura por muito tempo, pensando a questão de gênero através dessa perspectiva. Sendo assim, a compreensão de gênero esteve associada a uma visão natural de sexo, ou seja, o sexo estaria para a natureza, assim como o gênero estaria para cultura. (BUTLER, 2003). A famosa frase de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” é um grande exemplo da centralidade da cultura como produtora de comportamentos que diferenciavam os sexos. A distinção entre sexo biológico e gênero contribuiu para que os estudos de gênero caminhassem no sentido de compreender os papéis sociais e as relações de poder como construções sociais, e não naturais, não fixas e nem predeterminadas.

Contudo, a divisão pensada entre sexo e gênero foi contestada por diferentes teóricas feministas, que acreditavam que essa divisão, na verdade, não poderia ser mais fundamentada nos estudos de gênero, pois, assim como o gênero é socialmente construído, o sexo também é. O gênero encarado como uma construção social, como produto de uma cultura, colocava o sexo numa condição pré-social (BUTLER, 2003), ou seja, o sexo como algo natural e imutável, enquanto o gênero como social e mutável. Uma importante teórica que argumenta nesse sentido é Judith Butler, que diz que:

“Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural do significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.” (BUTLER, 2003, p. 17)

Com o esforço de desnaturalizar o sexo e o gênero, passou-se a questionar a relação identidade, práticas e desejo como relações não coerentes, que não estão coladas uma a outra e que não podem se predeterminar. Existe uma materialidade dos corpos, que foi interpretada em “corpos masculinos” e “corpos femininos”, ancorados em uma perspectiva assimétrica, oposta e binária. Ou você é homem, ou você é mulher. Sendo assim, pensou-se em uma coerência entre *ser* mulher, *agir* como mulher, e *sentir desejo* por homens, assim como, *ser* homem, *agir* como homem e *sentir desejo* por mulheres, como relações naturais, ou seja, instituiu-se uma norma, uma coerência baseada em uma divisão dos corpos binária e artificial que se caracteriza pela heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003).

E é através dessa compreensão que entendemos como a sexualidade opera nos corpos (BUTLER, 2003), como as orientações do desejo se manifestam de maneira normativa e excluem outras possibilidades de ser, colocando-as como contrárias ao verdadeiro, como anormais. Compreendemos também como os papéis sociais são reforçados e legitimados nas relações sociais, bem como, como a subversão dessas normas nos colocou em um campo de pensar a sexualidade para além dessas fronteiras.

A discussão sobre os estudos de gênero é importante para que possamos entender qual a sua relação com o tema deste trabalho: Relações de conjugalidade, que irei me aprofundar mais nos tópicos a seguir. Se por muito tempo o gênero foi designado como algo dado e natural, que significou maneiras de legitimar papéis e funções, de marcar diferenças e estabelecer hierarquias, como esta visão se reflete na nossa compreensão sobre as relações afetivas e conjugais? A perspectiva de gênero essencialista que está no interior das nossas relações sociais é capaz de dar conta de tantas pluralidades e combinações que existem na nossa sociedade? Buscarei responder a essas questões ao longo do meu trabalho.

3. NO INTERIOR DAS RELAÇÕES CONJUGAIS: A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DO CASAL

3.1 Família e Parentesco

Quando pensamos em relacionamentos, em formas de construir e viver em relação ao outro, quais são as nossas referências? As nossas formas de conceber o possível? Sabemos que a perspectiva de gênero que tratei no tópico anterior nos coloca em uma situação de pensar os papéis sociais a partir de lugares já definidos através de uma visão única: a heterossexualidade compulsória, no sentido de Butler. (BUTLER, 2003). Essa visão está na forma como acabamos por pensar as maneiras de se relacionar em conjugalidade com o outro, de pensar nossa sexualidade e definir nossos papéis. Se pensamos em como os relacionamentos conjugais se dão no interior das famílias, - e que fique claro que os relacionamentos conjugais não podem ser pensados *somente* no interior das famílias, - devemos pensar qual é essa visão de família que está enraizado em nosso senso comum. Um modelo hegemônico, pensado como universal e fixo, como argumenta a autora Mariza Correa, em seu texto “Repensando a Família Patriarcal Brasileira”:

“A história das formas de organização familiar no Brasil tem-se contentado em ser a história de um determinado tipo de organização familiar e doméstica – “A família patriarcal” – um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e um tronco de onde brotam todas as outras relações sociais.” (CORRÊA, 1981, p. 6)

Com este trecho, Mariza Corrêa inicia sua discussão sobre uma forma de repensar a família patriarcal, pois, nossa bibliografia tratou sobre esse tema de maneira hegemônica, natural e reducionista. Traçando a história da família brasileira como única através do tempo e através dos moldes patriarcais. (CORRÊA, 1981)

Em “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre, e no ensaio “The Brazilian Family”, de Antônio Candido de Melo e Souza, obras consagradas dentro das Ciências Humanas e muito utilizadas no interior das academias, há uma preocupação muito forte em entender como se dão as organizações familiares e em ambos os textos há uma concepção de família hegemônica e fixa, como formas de vivenciar o cotidiano do Brasil colônia. A história da família brasileira significou a história de um grupo dominante, significou os parâmetros desse grupo dominante, e tudo que fugisse ao seu padrão, não seria considerado família, não seria considerado verdadeiro. Dessa forma, a visão de família concebida por esses autores, considerou o significado de família através da visão desse grupo dominante, reduzindo as histórias, os arranjos e pluralidades de relações da maioria da população, a uma visão única, que os excluía completamente.

“O problema principal de ambos os textos – casa Grande e Senzala e “The Brazilian Family” – é então o contraste entre essa sociedade multifacetada, móvel, flexível e dispersa, e a tentativa de acomodá-la dentro dos estreitos limites do engenho ou da fazenda: lugares privilegiados do nascimento da sociedade brasileira. Recuando para o interior da instituição dominante num certo momento no Brasil colonial, e fazendo dela seu ponto de observação, os autores assumem o olhar de seus habitantes – os senhores brancos e suas famílias.” (CORRÊA, 1981, p. 9)

Existe uma visão evolucionista que permeia estes textos, considerando que a “família patriarcal” deu origem ao que chamamos de “família conjugal moderna”, devido ao processo de urbanização e industrialização que ocorreram no Brasil, devido aos processos de transição, que se refletiram nas estruturas familiares. Devemos ter uma posição crítica em relação a isso e pensar que não existia um único modelo de família no Brasil Colônia, mas que esse modelo de família foi o que se impôs como o verdadeiro, excluindo todas as outras formas de construção de relações que existiam naquele período e que resistiram, além disso, devemos pensar que os processos de transição não foram sentidos da mesma maneira por todas estas estruturas, pois devemos considerar os diversos contextos em que ocorreram, bem como os marcadores sociais que estavam presentes nelas. Por fim, devemos refletir sobre o que chamamos de “família conjugal moderna”, que igualmente ao outro modelo, foi considerado o modelo natural e biológico de família, e que na verdade nada mais é do que um processo histórico, onde a organização familiar de um grupo dominante se torna um parâmetro para compreender todas as outras estruturas, e as reduz, assim como as marginaliza. (CORRÊA, 1981)

Essa visão evolucionista também é discutida por Cláudia Fonseca, que pensa sobre essa transformação de maneira crítica de um tipo de família extensa que deu origem ao que chamamos de família conjugal contemporânea:

“A família de outrora (evidentemente extensa) teria se transformado na família conjugal contemporânea – em que um grupo de parentes, formada em torno do casal e seus filhos, mora harmoniosamente debaixo do mesmo teto. Tal imagem seria a lenha que alimenta o fogo das denúncias alarmistas sobre a “nova” “degradação da família” – fruto do capitalismo selvagem, da alienação ou da sociedade consumista... O que perpassa estas denúncias é a premissa implícita de que existe uma família ideal – feliz e “natural” – que corresponde curiosamente à família conjugal comum nas camadas médias” (FONSECA, 1995, p.70)

Nessa visão fixa e natural que a família vem carregando, o parentesco só é reconhecido em termos de uma família reconhecida, ou seja, o parentesco também é naturalizado dentro de estruturas familiares também naturalizadas. Dentro dessa perspectiva, Judith Butler busca problematizar a questão do parentesco, em seu artigo “ O parentesco é sempre tido como heterossexual?”, repensando as formas de parentesco, sobre a legalização das uniões homossexuais e como esse debate é pensado, posto e discutido. (BUTLER, 2003). Dessa forma, a autora argumenta:

“Como também que o parentesco não funciona ou não se qualifica como parentesco a menos que assuma uma forma reconhecível de família. Esses pontos de vista podem se conectar de diversas maneiras; uma delas consiste em sustentar que a sexualidade deve se prestar às relações reprodutivas e que o casamento, que confere estatuto legal à forma de família, ou, antes, é concebido de modo a dever assegurar essa instituição, conferindo-lhe esse estatuto legal, deve permanecer como o fulcro que mantém essas instituições em equilíbrio. ” (BUTLER, 2003, p.221)

O parentesco assumiu uma forma fixa e também naturalizada no interior das relações. E qual seria esse parentesco? O parentesco heterossexual. Parentesco que sustenta esse formato de família heterossexual (BUTLER, 2003), formato esse que é considerado o “natural”, e que qualquer outro formato que fuja a esse, não seja considerado o “verdadeiro”. Nesse sentido, afirma Butler:

“Variações no parentesco que se afastem de formas diádicas de família heterossexual garantidas pelo juramento do casamento, além de serem consideradas perigosas para as crianças, colocam em risco as leis consideradas naturais e culturais que supostamente amparam a inteligibilidade humana” (BUTLER, 2003, p.224)

O casamento se torna um interessante ponto para se refletir sobre o parentesco, pois, o casamento garante um status de legitimidade para que a sexualidade seja circunscrita e construída nesse território, ou seja, a sexualidade acaba sendo pensada em termos de casamento, e o casamento como terreno onde se adquire legitimidade, onde a união é reconhecida pelo Estado, onde a dimensão do privado se torna pública. (BUTLER, 2003). Cláudia Fonseca nos traz a seguinte contribuição sobre casamento:

“ O casamento legal é, portanto, só uma das diversas forças que tendem a “normalizar” o nosso comportamento; hoje em dia, existem outras “normas” que exercem influência igualmente importante. Mas cabe lembrar que, para que qualquer norma tenha eficácia, é preciso que seja conhecida, divulgada. Para padronizar algo, até mesmo o ideal do “casamento igualitário” é imprescindível torna-lo, primeiro, público. Tão logo quanto uma prática sai do silêncio, começa-se sua institucionalização” (FONSECA, 1995, p. 84)

Sendo assim, o casamento incorpora um sentido fundamental no interior das relações, e tem um peso distinto dentro das relações heterossexuais e dentro das relações homossexuais. Para as relações homossexuais, o casamento se caracteriza como uma importante ferramenta para alcançar legitimidade, para que a sua relação com o outro seja considerada uma relação reconhecível e que ocupe um lugar. Diferentemente das relações heterossexuais, onde a relação afetiva já ocupa um lugar de reconhecimento, pois se ancora na perspectiva de parentesco naturalizada, e o casamento se torna um terreno onde a união do casal é reafirmada. Essa distinção nos mostra como que o parentesco pensado em termos de heterossexualidade

marginaliza outras uniões, que buscando o casamento, buscam ocupar um lugar de reconhecimento. Reconhecimento que se fez e se faz necessário para que o parentesco homossexual também se afirme como parentesco. (BUTLER, 2003)

3.2 Conjugalidade

O que constrói a conjugalidade? É através dessa perspectiva que Luiza Heilborn tenta compreender qual o sentido da conjugalidade em seu texto “O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas”, que foi resultado de uma pesquisa etnográfica que realizou com casais de “perfil moderno”, em camadas médias urbanas brasileiras. Maria Luiza Heilborn, nos apresenta em seu texto dois modelos que tem grande influência sobre uma totalidade social em que os arranjos conjugais se dão, que são: o modelo hierárquico e o modelo igualitário. Os dois modelos se manifestam na nossa sociedade de modo a impactar a construção da conjugalidade, da conjugalidade em casais heterossexuais e homossexuais. O modelo hierárquico se baseia nas diferenças, e constrói hierarquias através delas. (HEILBORN, 1992)

“O modelo hierárquico é de grande aceitação na sociedade como um todo: “binômio masculino-dominância-atividade sexual versus feminino-submissão-passividade sexual, estruturador do modelo hierárquico do gênero e da identidade sexual brasileira.” (HEILBORN, 1992, p. 94)

Já o modelo igualitário, se contrapõe a essa lógica hierárquica que se baseia no gênero para definir os papéis sociais dentro de uma relação conjugal. O igualitarismo se caracteriza por ser um traço marcante dos denominados novos arranjos conjugais modernos, contudo, se mistura às características do modelo hierárquico. Uma distinção entre estes dois modelos se dá na prática cotidiana nas tarefas de casa, pois, enquanto que para o primeiro modelo as tarefas ligadas a casa estão necessariamente ligadas a mulher, ao feminino, no segundo modelo há uma simetria entre o casal, onde as tarefas domésticas não estão mais associadas a gênero, sendo então as tarefas compartilhadas entre o casal. Não só podemos pensar em situações ligadas a tarefas domésticas, mas também sobre as economias da casa e também sobre decisões cotidianas que precisam ser tomadas. (HEILBORN, 1992)

Um outro aspecto importante que a autora aborda e que me chamou muita atenção foi sobre o contrato que se firma entre o casal para a manutenção do relacionamento, contrato em que os espaços são negociados constantemente, onde a individualidade assume um importante papel na conjugalidade, assim como a dependência recíproca. Nesse sentido, apesar de cada pessoa ter a sua autonomia e liberdade, há uma preocupação e dever para com o outro, para a manutenção desse contrato. Ao pensar sobre todas essas características que se manifestam nos arranjos contemporâneos que pesquisou, Heilborn conclui:

“A presença da hierarquia, sob a forma de um resíduo, num universo armado sobre a indiferenciação, a segmentação e a horizontalização das relações origina os feitiços peculiares que assumem o casal heterossexual, gay e lésbico em certos planos. É na combinação entre individualismo e os constrangimentos da lógica distintiva do gênero que reside a inteligibilidade dos novos arranjos conjugais da contemporaneidade.” (HEILBORN, 1992, p. 104)

O trecho sintetiza bem o sentido da conjugalidade que ela buscou retratar e que tem muito a ver com o que encontrei também em meus encontros com os casais com quem conversei, que abordarei em meu próximo tópico.

4. TRABALHO DE CAMPO

4.1 Primeiro casal: “E assim eu vos declaro Marido e Marido”

O trabalho de campo me deu uma dimensão muito interessante acerca do tema, pois, pude notar de maneira empírica, na prática e nos discursos das pessoas que conversei sobre como elas constroem suas relações afetivas, em como esta visão está ligada aos temas da família, da conjugalidade e do parentesco. A escolha dos dois casais se deu na intenção de pensar suas semelhanças e diferenças, comparando-as e

refletindo-as. Primeiro falarei separadamente de cada casal que conversei, como foram as conversas, como enxerguei o perfil de cada um deles, descrevendo suas particularidades. Posteriormente, farei uma simples comparação entre as duas estruturas conjugais e pensando-as a partir do referencial teórico que adotei em meu trabalho.

O primeiro casal que tive contato foi o casal Brayan e Marcus, eles residem no Rio de Janeiro e com eles fiquei durante um período de uma semana e pude, além de realizar a pesquisa qualitativa por meio de entrevistas, vivenciar um curto período de tempo. Brayan tem 24 anos, é cabelereiro e trabalha de forma autônoma, ele faz seu próprio horário, enquanto que Marcus tem seus 31 anos e trabalha como funcionário de uma grande loja de um shopping do Rio de Janeiro. Ambos estão juntos a 3 anos e casados oficialmente a 8 meses. Sim, oficialmente. E eles fazem questão de dar ênfase a palavra “oficialmente” em todos os diálogos que tivemos sobre casamento. Pela casa muitas fotos dos dois, do dia em que se encontraram pela primeira vez pessoalmente, após terem conversado por um período através de redes sociais, já que nessa época eles moravam em cidades diferentes, fotos do dia do casamento no cartório e também fotos da Kimberly, que é considerada pelo casal sua “filha de quatro patas”.

Ao se conhecerem, tudo aconteceu muito rápido, como ressaltou Brayan em nossas conversas, ele estava saindo de um relacionamento e passou a conversar de maneira despreocupada com Marcus, não imaginando que sairia de Juiz de Fora, cidade onde residia na época, para ir morar no Rio de Janeiro, onde Marcus reside e onde ambos residem juntos atualmente. Para eles, o relacionamento homoafetivo é algo visto como abusivo pelas pessoas, pela sociedade como um todo, pois, seus comportamentos são julgados o tempo todo, e além disso, a aceitação é algo que pode vir acontecer, dependendo da família, de maneira mais tranquila, mas que talvez não aconteça ou seja um processo muito difícil e doloroso. De acordo com Marcus, a aceitação por parte da família dele foi mais tranquila, apesar de na época ter acabado de sair de um relacionamento com uma mulher antes de conhecer Brayan e se assumir. O processo de aceitação para Brayan foi vivenciado de maneira mais difícil, mais dolorosa, onde os pais não aceitaram da mesma maneira que a família de Marcus aceitou. Então foi tudo muito diferente.

Sobre como o relacionamento é encarado pelas pessoas, eles contam sobre os olhares que recebem na rua quando estão de mão dadas, e dizem que por serem dois homens isso causa um estranhamento muito grande nas pessoas, ao contrário do que acontece quando duas mulheres estão de mão dadas na rua, pois duas mulheres podem andar juntas e se relacionar de uma maneira mais íntima, mais sensível, ao contrário do que nós vemos em relacionamentos amigáveis entre dois homens, que não podem ter essa relação mais próxima, pois são vistos como gays, e isso reflete diretamente quando falamos sobre o gênero, como é percebido de uma maneira engessada em que define maneiras de ser muito bem demarcadas dentro da nossa sociedade.

Em nossas conversas, o casal comentou sobre ter morado junto depois de um período em que Brayan foi para o Rio de Janeiro, mesmo não estando casados, esse período foi um período de teste, como afirmaram durante o diálogo, foi o momento em que experimentaram a vivência a dois, como casal. Um momento onde os dois passaram muitas dificuldades, onde as coisas estavam se adaptando, se formando, mas que foi uma fase de grande aprendizado para o casal, onde o companheirismo e a vontade de crescer os fortaleceram muito. E para eles, o companheirismo é algo fundamental nessa vida a dois, além da confiança e do amor.

Quando perguntei sobre o casamento, eles me descreveram como se sentiram no dia da cerimônia no cartório, Brayan me disse que ficou com medo, não conseguiu dormir durante a noite, pensando sobre essa escolha. Porque para eles o casamento é uma coisa mais séria, dá um ar de seriedade para relação, agora eles possuem uma outra vivência. É clara a transformação que eles relatam do antes e depois do casamento, pois, como disse Brayan: “Quando você namora você transa todo dia, mas quando casa a vida se torna mais rotineira, e não é que você deixou de amar o seu marido, são outras vivências, é o companheirismo que vale.” Marcus fala que depois do casamento eles deixaram de ser dois para se tornarem um só, e pude perceber em suas falas que esse “um só”, não apaga as diferenças entre os dois, porque eles se consideram muito diferentes, como “Água e fogo”, um sabe esquentar o outro quando precisa, da mesma maneira que o outro sabe esfriar o outro quando necessário, como Brayan relatou, mas o casamento os torna um só.

No dia do casamento, eles contaram que foi um dia em que o nervosismo tomou conta, pois não sabiam o que esperar da postura do cartório nesse dia, já que era um casamento entre dois homens. Mas, o cartório os tratou como “noivo e noivo” nesse dia, o que deixou Brayan muito feliz, e complementou dizendo que os trataram numa boa, como se fossem um homem e uma mulher. Mas o olhar das pessoas, novamente, foi um olhar de estranhamento, como descreveu a seguir: “Na hora que a gente casou e entramos no cartório, tive a sensação que o povo olhou e ficou se perguntando: cadê a noiva?” e outro momento em que surgiu um clima desagradável também foi na hora do beijo, pois “ O que nos travou um pouco foi na hora do beijo, entraram conosco na sala vários casais, nós fomos os últimos a casar, o juiz não disse “Agora pode beijar”, igual falou para os outros casais heterossexuais, aí a gente travou e só se abraçou”.

Durante o período de tempo que fiquei com eles, percebi não só em suas falas, mas também na prática como a vivência do casamento para eles significa companheirismo e ajuda mútua, eles conversam muito sobre suas experiências individuais e sobre os planos em conjunto que possuem, sobre a construção de “algo que seja nosso”, e nesse sentido, o casamento oficial é uma garantia para eles, garantia de tudo que construíram, que assegura seus direitos enquanto casal. Dessa forma, como Brayan comentou: “Quando eu falo que sou casado, as minhas clientes acham que eu moro junto, mas quando digo que meu casamento é oficializado e tenho direitos iguais a elas, de ser dependente de um plano de saúde, elas ficam chocadas, e isso se torna diferente”. Então, é uma forma deles se reafirmarem enquanto casal, como qualquer outro, bem como de tornar a união deles reconhecível como tal.

O companheirismo e o igualitarismo se caracterizam como um traço forte do casal, que buscam de alguma forma construir uma relação de equilíbrio na relação a dois. E isso se desdobra em diversos aspectos, desde a opinião de alguma coisa que precisam tomar sobre as economias da casa até mesmo na decisão de quem faz o que nas tarefas de casa, que como os dois destacam, é uma coisa bem fluida e acontece de acordo com a disponibilidade deles, dos horários livres que possuem, se algum está trabalhando, o outro pode fazer, e assim vice-versa. E foi isso que percebi, o diálogo e a negociação são constantes nessa relação.

O sentido de família para eles já era existente desde o casamento, mas que se reforçou através da adoção de Kimberly, como membro da família, como se fosse filha do casal, “nossa filha de quatro patas”. Para o casal, a decisão de ter filhos não é uma prioridade, não sentem essa vontade por conta da hipocrisia que enxergam na sociedade, do julgamento que as pessoas fazem de filhos de casais homoafetivos, como se o fato de ter duas mães ou ter dois pais fosse determinar que o filho tivesse uma orientação sexual homossexual também, o que não é verdade. A paternidade para eles está muito mais no sentido de criar e educar uma criança do que qualquer outra coisa, e exercitam esse papel através do cuidado com Kimberly e também de sobrinhos, irmãs e filhos de amigos.

4.2 Segundo casal: “Ele sempre me ajuda muito”

O segundo casal que tive a oportunidade conversar durante alguns encontros foi o casal Eny e Flávio, quando cheguei para conversar com eles, fui recepcionada por Eny, uma mulher muito caprichosa e vaidosa, com seus 50 anos, técnica em enfermagem, casada com Flávio, que tem 39 anos e trabalha como motorista, ambos namoraram por cerca de 5, 6 anos e vivem em um casamento ao longo de 8 anos. No período em que eu ainda estava fazendo contato com ela, já pude perceber algumas coisas, quando perguntei se poderia conversar sobre o tema do meu trabalho, ela me questionou se eles precisavam ser casados e ter filhos, ou seja, se existia um modelo pré-determinado para a pesquisa, conversei com ela e disse que não.

Ao entrar na casa, já pude observar a decoração colorida, com algumas imagens católicas, a sala muito bem arrumada e também muito aconchegante. Na cozinha de sua casa, também muito bem arrumada e decorada, comecei a conversa perguntando sobre seu relacionamento, ela me contou como conheceu seu marido, no início, Eny disse que não estava muito interessada em Flávio, conta que o conheceu através de uma excursão com alguns amigos, mas que ele foi a conquistando pelo seu jeito de ser, pelo rapaz trabalhador e responsável que era. Naquela época, de acordo com ela, ela não o achava muito bonito, mas que seu jeito e sua persistência o fizeram gostar dele. Ambos vieram do interior de cidades mineiras, ela de Pedro Teixeira e ele de Rio Novo, mas se conheceram em Juiz de Fora, cidade onde residem atualmente. Tiveram um namoro conservador, de acordo com ela, tudo aconteceu de uma maneira mais lenta, demorou muito para que cada fase

fosse acontecendo. Assim que se conheceram, ao passar pela fase da conquista e do namoro, veio o casamento, onde finalmente passaram a morar juntos, o que significou uma grande expectativa do casal.

Um fato que marcou de maneira muito forte o relacionamento de ambos foi a perda da filha, que aconteceu durante a gestação de Eny. Nessa época, sem recursos e sem o apoio necessário, ela conta que se sentiu muito sozinha e passou por uma depressão que a afetou de maneira violenta, mas que soube superar graças ao amor de seu marido e também através da fé em Deus. Nesse momento delicado, uma fala dela que me chamou muita atenção foi que quando ela comentou sobre a perda de sua filha, disse que não queria mais casar com seu marido, pois não faria mais sentido, mas que seu marido se esforçou a convence-la de que essa fase ia passar e que eles iam superar a falta dessa filha e que poderiam tentar uma nova chance de terem filhos no futuro.

Hoje, Eny diz que não tem mais vontade de ter filhos, que soube lidar com essa perda, mas que tenta entender que existe um propósito de Deus para sua vida. Em sua casa, vi muitas fotos de crianças, perguntei a ela sobre quem são, ela me disse que são os sobrinhos dela, que a casa está sempre cheia e que ela adora cuidar deles, de estar sempre ajudando como pode, e isso a faz exercitar o seu papel de mãe também, ela é “um pouquinho mãe de todo mundo”. E foi realmente esse cuidado que pude perceber nela e também nele, essa vontade de agradar a todos, de conversar e fazer com que suas visitas se sintam à vontade.

Sobre as questões cotidianas do casal, pude notar que existe uma obrigação com as contas que ficam por conta de Flávio, pois, nesse momento Eny está parada, mas ela conta que quando voltar ao trabalho, poderá ajudar melhor nas despesas de casa. Além disso, também contou a mim que como seu marido está a maior parte do tempo fora de casa, ela que fica por conta das tarefas domésticas, mas que ele também a ajuda quando pode, fazendo da maneira dele. Pude perceber essa fala recorrente de Eny: “Ele me ajuda muito”, em diferentes pontos que conversamos sobre relacionamentos. Os dois não se veem muito durante a semana, por conta da profissão de ambos, ele como caminhoneiro e ela como cuidadora de idosos, mas dizem que todos os finais de semana procuram estar juntos, sair e curtir um momento mais deles. Apesar de não se verem toda semana, eles estão sempre conversando através do celular, por mensagens ou ligações, contando sobre como foi o dia de cada um, sobre o que estão fazendo e coisas do tipo. Nesse sentido, a confiança para eles é algo crucial para que o relacionamento dê certo, pois, como não estão juntos o tempo inteiro, acreditam que sem a confiança não poderia ser possível a relação a dois, além dessa palavra que dizem ser fundamental, também dizem que para que as coisas deem certo, é essencial confiar suas escolhas a escolha de Deus, pois, só assim, o que tiver de ser dentro de um casamento, será.

5. Considerações finais: Apenas o início

Busquei realizar em meu trabalho uma comparação com duas estruturas conjugais diferentes, mas que apesar dessas diferenças, apresentam traços em comum. Primeiramente, gostaria de destacar as diferenças geracionais entre os dois casais, diferença que devemos levar em consideração, pois, enquanto que o primeiro casal é um casal mais jovem, que se conheceu através da internet, o romance foi se desdobrando em uma outra velocidade, uma outra dimensão se deu na construção dessa relação, já o segundo casal, que é um casal de uma geração anterior, se desdobrou de maneira muito diferente, onde as fases foram se concretizando em um processo mais lento, e de acordo com o casal, se fez: “Um relacionamento muito mais conservador”.

Essa diferença nos leva a compreender também outros pontos, como as questões que Heilborn nos apresenta em seu texto sobre conjugalidade, sobre as referências que estão disponíveis na organização social da nossa sociedade e que refletem na construção de cada relação conjugal. Há uma diferença na maneira como ambos os casais se organizam, como os papéis são designados, o modelo hierárquico impõe essa forma de legitimar papéis, o que é papel de um e o que é papel de outro, e dessa forma, vemos no segundo casal a responsabilidade do homem de arcar com as despesas familiares, e da mulher em cuidar das tarefas de casa. O gênero está caracterizado como um marcador dessa diferença dentro da relação, onde o “ativo” e o “passivo” se expressam de maneira muito mais contundente e também rígida.

Essa visível presença do modelo hierárquico que se expressa de maneira mais forte no segundo casal, também se mistura ao modelo igualitário, que é um modelo de se relacionar muito expressivo do primeiro casal,

ou seja, a maneira como a relação se faz e também vai se construindo, não é marcada pela diferença, não é marcada pelo gênero, mas é constantemente negociada, onde o diálogo se faz fundamental para que a manutenção dessa relação conjugal se mantenha. No primeiro casal, há um diálogo muito aberto sobre as questões do casal, eles falam abertamente sobre temas como sexo, sobre rotina da casa, sobre as contas, enquanto que o primeiro casal não se muito abre a essas questões, sobre suas funções e sobre assuntos mais relacionados a sua própria intimidade, pois, parece que não há essa necessidade maior de se conversar sobre essas negociações que já foram pré-determinadas de alguma forma.

A questão religiosa foi uma questão também muito importante para entender uma outra referência que está contida nessas construções afetivas, pois, a maneira de conceber o “certo”, o “ideal” está muito vinculado ao modelo concebido pela religião católica, onde é reforçado uma clara naturalização do gênero, da união heterossexual e também da família heterossexual como o padrão de parentesco. Em ambos os casais há a presença da religiosidade católica, contudo, enquanto que no primeiro casal há uma influência dessa visão, eles a interpretam de outra maneira, considerando que muito mais importante do que ser “certo” ou “errado” a união homossexual, é possuir um bom caráter e construir um caminho digno ao lado de alguém. Já o segundo casal, tem uma forte influência das referências católicas em sua ótica amorosa, que esteve enraizada como principal referência na construção de sua conjugalidade.

O peso do casamento também se expressa de maneira distinta em cada um dos relacionamentos, apesar de ser enxergado para ambos como uma condição fundamental para que haja uma seriedade da relação, para que, como dizia Butler: “O privado se tornasse público”, em certo sentido. Ambos os casais são casados oficialmente, porém, o peso do “oficialmente” garante uma forma de reafirmação e reconhecimento que está contida no segundo casal de uma maneira mais forte, enquanto união homossexual e enquanto família. Já o primeiro casal, não dá tanta ênfase ao “somos oficialmente casados”, na verdade eles dizem apenas que são casados, pois, ao falarem isso, existe uma noção prévia de que casamento seja casamento enquanto for heterossexual.

Em ambas as relações, pude perceber que as palavras principais que surgiram foram respeito e confiança, além disso, também vi de maneira recorrente a ideia de enfrentamento do cotidiano, da negociação entre o espaço da individualidade e do “monitoramento do outro”, ou seja, por mais que a palavra confiança fosse recorrente, é importante ter acesso a outra individualidade e de certa forma traze-la para o domínio “casal”.

A importância de nos debruçarmos sobre essas questões nos leva a pensar quais são os limites que colocamos para as relações conjugais na contemporaneidade, de que forma a pensamos e construímos, quais são as maneiras de conceber o realizável, de estar em relação ao outro. Nessa pesquisa busquei demonstrar que o campo das relações conjugais se transformam constantemente, e os limites que colocamos, a maneira como a olhamos é algo socialmente construído, e não algo natural e dado.

As relações conjugais não possuem uma forma única, e dependem de diferentes contextos em que estão inseridas, podendo assumir variadas formas, portanto, devemos ter uma postura crítica enquanto aos modelos socialmente impostos dentro da nossa sociedade e pensando-os através de construções, abrindo os limites para se pensar as relações de maneira mais fluida e plural.

REFERENCIAL TEÓRICO

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **O parentesco é sempre tido como heterossexual?**. Cadernos Pagu, v.21, p. 219 – 260, 2003

BASTOS, Rodrigo. **Pares contemporâneos: um estudo sobre a construção da conjugalidade em casais de camadas médias**. 2012. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais em Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 37, p. 5 – 16, 198.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. p. 1- 35 Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 15 de agosto de 2017

HEILBORN, Luiza. **O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas**. In: RIBEIRO, Ivete, RIBEIRO, Ama Clara (org.) Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995. p. 91 - 106

FONSECA, Claudia. **Amor e família: vacas sagradas na nossa época**. In: RIBEIRO, Ivete, RIBEIRO, Ama Clara (org.) Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995. p. 69 – 89.

BEUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **O espírito da Família**. In Razões Práticas. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus. 1996.